



MEGAFONE

O futuro em debate: quem mexeu na nossa saúde?

Na pandemia de covid-19, o Serviço Nacional de Saúde funcionou graças à exímia actuação dos seus profissionais e a um movimento fundamental da sociedade científica e empresarial que desenvolveu testes, material médico (como ventiladores) e de protecção com rapidez e eficiência.



Catarina Reis de Carvalho

Médica interna de Ginecologia-Obstetrícia no Centro Hospitalar Universitário Lisboa Norte. Paralelamente, assume funções como assistente convidada na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa. Pertence ainda à Ordem dos Médicos e ao Conselho Nacional de Médicos Internos. Faz parte do Hub de Lisboa dos Global Shapers desde 2017.

30 de Julho de 2020, 14:34



Em 1998, Spencer Johnson publicou um famoso livro motivacional intitulado *Quem mexeu no meu queijo?*, onde conta a história de quatro personagens: dois ratos (*Sniff* e *Scurry*) e dois anões (*Hem* e *Haw*). A parábola descreve a forma como estas personagens reagem quando, inesperadamente, ficam sem o seu queijo, que é metáfora para algo bom e estável que têm na vida. Tal como na realidade, cada personagem assume diferentes posturas perante esta mudança: a que não aceita a mudança, a que aprende a adaptar-se com o tempo, a que prevê a mudança e se prepara previamente e a que age rapidamente perante a mudança.

A pandemia de covid-19 fez mudar muita coisa e, no que concerne aos cuidados de saúde, está a ser um verdadeiro teste de *stress*. Quando, no início de Março, conhecemos a dimensão da pandemia que nos assolava, olhámos para um país com o número de camas de cuidados intensivos mais baixo da Europa, num Serviço Nacional de Saúde (SNS) já fragilizado, e vaticinámos o pior. Ainda que não se tenha verificado a situação catastrófica que se viveu em outros países, e ainda que a resposta dos cuidados de saúde tenha sido francamente positiva, não nos deixemos enganar. O Serviço Nacional de Saúde funcionou graças à exímia actuação dos seus profissionais e a um movimento fundamental da sociedade científica e empresarial que desenvolveu testes, material médico (como ventiladores) e de protecção com rapidez e eficiência.

É tempo de identificar os erros que esta crise evidenciou e colmatá-los de forma séria e empenhada. As fragilidades do SNS não são novas e já foram identificadas e amplamente discutidas. O que falta, então, aos nossos governantes para agir? Com a convicção da importância de serem tomadas medidas e conscientes da sua responsabilidade em participar no debate nacional, o grupo de jovens que integra a plataforma [100 Oportunidades](#), no campo da Saúde, identificou áreas prioritárias de acção que foram divulgadas num documento intitulado “[50 medidas para um debate intergeracional de fundo na sociedade portuguesa pós-covid-19](#)”. É fundamental que sejam definidas medidas específicas para incluir desde já no Plano de Recuperação Económica e Social (2020-2030). Algumas dessas propostas incluem, por exemplo, a simplificação e o aumento da autonomia do SNS. É fulcral eliminar níveis de decisão intermédia desnecessários, fazendo melhor uso dos recursos disponíveis e promovendo uma comunicação mais próxima e ágil entre as estruturas centrais do Ministério da Saúde e as entidades prestadoras de cuidados de saúde.

O P3 associa-se aos autores da iniciativa “[50 medidas para promover um debate intergeracional de fundo na sociedade portuguesa pós-covid-19](#)”, promovida pelos Global Shapers Lisbon e pela plataforma 100 Oportunidades. Ao longo dos próximos meses, os representantes da iniciativa irão explorar as medidas, apresentando a sua visão para o futuro do país através de um debate entre gerações. Este artigo representa, portanto, a opinião pessoal do autor nos valores e medidas enquadradas na iniciativa descrita, ainda que de forma não vinculativa.

No mesmo sentido, deve ser considerado o aprofundamento da cooperação entre sectores público, social e privado sempre centrada nos melhores interesses dos doentes. A maioria



dos cidadãos desconhece que existe uma diferença entre Serviço Nacional de Saúde (sector público) e Sistema Nacional de Saúde (sector público e privado). O conceito do funcionamento do Sistema, seja através parcerias público-privadas ou de outros protocolos de cooperação, é muitas vezes considerado promíscuo. Mas a verdade é que os dados disponíveis mostram benefícios na qualidade dos cuidados prestados, e o que deve interessar ao Estado é precisamente a qualidade, acesso e satisfação dos utentes. É fundamental acabar com este antagonismo entre o sistema público e privado, entre o bom e o vilão (ou o vilão e o bom). Portugal é um país com recursos demasiado escassos para os poder desperdiçar quando está em causa a defesa da saúde da população.

Outro ponto relevante prende-se com a gestão dos recursos humanos. O SNS são as suas pessoas: os doentes mas também todos aqueles que os cuidam. Durante os primeiros seis meses do ano, os profissionais de saúde trabalharam **um total de 8,112 milhões de horas extraordinárias**, uma subida de 17% relativamente ao mesmo período do ano passado. Estão esgotados, desmotivados, não têm carreiras e são mal remunerados. Até quando não teremos uma estratégia clara nesta área?

Paralelamente, é preciso melhorar a gestão dos recursos materiais. É fundamental que existam dados centralizados e actualizados sobre os recursos humanos e materiais ao dispor, bem como uma caracterização da população que cada instituição serve. A ignorância relativamente aos nossos próprios recursos limitou e gerou insegurança na organização inicial da resposta à pandemia. É também estratégico rever o actual modelo de abastecimento de materiais essenciais ao funcionamento do Serviço Nacional de Saúde. Devemos lutar para que o nosso SNS seja eficiente.

Por fim, precisamos de investir na modernização. Portugal é uma referência internacional de digitalização no sector da Saúde e fez um caminho importante nesta área com várias plataformas e aplicações revolucionárias. Por outro lado, vários desses programas inovadores não funcionam nos computadores obsoletos que existem nos hospitais, que atrasam mais do que ajudam. E o que dizer do facto de muitos médicos serem forçados a realizar teleconsultas dos seus próprios telemóveis? Ou que há especialidades onde pela particularidade da sua actuação, instituíram videoconsultas, mas que não existem câmaras para as realizar? Não é demasiado tarde para corrigir a trajectória — o reforço dos recursos disponíveis para a transformação digital é urgente e deve ser uma prioridade.

É tempo de pensar no futuro e questionar: o que aprendemos? Como nos podemos reinventar, melhorar e preparar para os desafios futuros? A resposta, em resumo, é a seguinte: reorganizar, cooperar, gerir, responsabilizar, transformar e bem informar. Mas o caminho é longo e as áreas de abordagem não se esgotam aqui: investimento em literacia em saúde, aposta na prevenção primária, estratégias de prevenção da saúde mental e gestão da doença crónica são algumas das áreas importantes de abordar. Paralelamente, necessitamos de apostar na investigação científica de áreas básicas e clínicas, pois só um país com um bom suporte científico pode almejar prestar cuidados de saúde de excelência.

É preciso um plano bem estruturado para os cuidados de saúde regulares, e é necessário também um plano de resposta a uma situação de crise. Para que tal seja possível, e para que melhor possamos adaptar as medidas propostas acima, é essencial avaliar o



desempenho do sector da saúde na resposta a este teste. E fazê-lo de forma séria, isenta e afastada de pressões e interesses políticos e ideológicos, tal como através de uma avaliação externa por uma entidade independente.

Vivemos um momento crítico e que está nas mãos de todos, e em particular de quem governa, fazer história. Mudanças que nos foram impostas, motivadas por uma situação que nunca pensámos viver, quebraram as primeiras resistências a uma mudança sempre difícil.

É fundamental aproveitar este momento de adversidade para capacitar o SNS português para os desafios vindouros.

É necessário que haja a coragem necessária para correremos atrás do nosso “queijo”, do nosso SNS.